

TRIBALISMO NA HISTÓRIA DE ISRAEL: perspectiva de estudos ainda válida?

José Ademar
Kaefer*

* Professor de Sa-
grada Escritura no
ITESP.

Resumo:

Os elementos que fundamentam os estudos da Bíblia têm recebido influências diversas nos últimos tempos, especialmente no que diz respeito à História de Israel (novas datações dos escritos e falta de referências externas ao próprio texto da Bíblia). Kaefer, a partir da análise de Gn 49,19 e a Estela de Mesa (sobre a tribo de Gad) questiona um eventual peso excessivo dado ao assim chamado *projeto tribal* de alguns estudiosos em que 12 tribos (só doze?) gravitavam em política e religiosamente em torno de um templo central. Não foi isto mais um sonho de um grupo teocrático que uma realidade, dada a situação dos grupos humanos muito espalhados de então?

Palavras-chave: Gad; Tribos de Israel; História de Israel.

Abstract:

The grounds of the Biblical Studies had received several influences in the last half a century, mainly those researches coming from the History of Israel (i.e. new dating of the sources and the lack of external references). Kaefer from the analysis of Gn 49,19 and the Mesa's Stele (about Gad's tribe) argue about a somewhat exorbitant weight of the *tribal project* of some scholars where 12 tribes (only twelve?) moved under religious and political influence of a central temple. Wasn't this more a theocratic idea than a reality given the actual situation of the human groups scattered around?

Key Words: Gad; Israel Tribes; History of Israel.

O estudo sobre a formação do povo de Israel, que dominou o palco da pesquisa bíblica no século passado, deixou de mostrar interesse nas duas últimas décadas. A causa principal foi a reviravolta que os estudos do Pentateuco e dos livros históricos sofreram nesse período. Textos, até então, considerados antigos, receberam nova datação, bem mais recente da que se supunha, o que colocou em cheque as grandes teorias de estudiosos como Albert Alt, John Bright, Martin Noth, G.E. Mendenhall, Norman Gottwald etc. Com isso, assuntos como tribalismo, projeto tribal, tribos de Israel, tornaram-se temas suspeitos e sobre os quais pesa hoje uma grande interrogação. Em compensação as pesquisas recentes voltaram sua atenção à literatura pós-exílica, menos complexa e muito mais segura quanto ao seu contexto vital. Paralelamente cresceu o interesse pela leitura sincrônica e o desinteresse pela leitura diacrônica, o que, possivelmente, esteja em conexão com o crescente desinteresse pela história e pelo engajamento social.¹

¹ Análise mais detalhada em: J. A. KAEFER, *Um pueblo libre y sin reyes: La función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco*. Estella: Verbo Divino, 2006, pp.164-174.

O que fica, então, do tribalismo ou do projeto tribal na Bíblia? Acreditamos que o avanço da pesquisa bíblica, de forma alguma, deve levar-nos ao abandono desse assunto. Antes, devemos, a partir das novas descobertas, rever e enriquecer tal referência, tão essencial para o estudo e ação pastoral libertadora.

A passagem bíblica que nos propomos a estudar para ajudar-nos a lançar luzes sobre o complexo tema das tribos de Israel é Gn 49,19. Por que esse versículo? Porque Gn 49, além de ser um dos textos mais antigos da Bíblia, particularmente o estrato que corresponde aos v.13-24a.27, é também um dos textos paradigmáticos quando se trata da identidade das tribos de Israel.

Escolhemos a tribo de Gad porque ela é a única que tem uma referência extra-bíblica, que nos ajudará a *entrar em contato* com o cotidiano desta tribo, e que, por sua vez, servirá de parâmetro para conhecer as outras pequenas tribos de Israel que vivem em situação similar.

1. GN 49, 19:GAD,
um bando saqueador o atacará e ele atacará seu calcanhar.

O versículo tem um interessante jogo de palavras. Dos seis vocábulos que formam o versículo, quatro são da mesma

⁷ Cf. M. NOTH, *La historia de Israel*, Barcelona: Garriga, 1966 p. 70-73. Assim, também outros, como, H. J. ZOBEL, *Stammespruch und Geschichte*, op. cit., p. 97-100; L. RUPPERT, *Die Josephserzählung*. München: Kösel, 1965, p. 412; H. SEEBASS, *Josephsgeschichte*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2000, p.178, são da opinião de que é preciso distinguir entre Gad e Gilead.

⁸ Cf. N. GOTTWALD, *As tribos de Iahweh*, Paulinas: São Paulo, 1986, p. 257.

tender para o sul e para o norte, por causa da presença de outras tribos israelitas, e para o oeste por causa das cidades-estado, não sobrou alternativa que atravessar a depressão do Jordão. Assim, alguns clãs efraimitas teriam chegado ao centro da Transjordânia e se assentado na região do Jaboc. Ali teriam sido denominados de *gente de Gilead* (Js 17,14-18). Para Noth, Jz 12,4 seria a prova disso. A separação destes clãs teria custado, por parte dos compatriotas ocidentais, a designação depreciativa de *efraimitas fugitivos*.⁷

Outros como Gottwald, preferem entender que Gad não passa de uma abreviação de Gilead. Para ele, apesar de que a etimologia dos dois nomes não permitir uma solução fácil do problema, Gilead é predominantemente uma região, o altiplano escarpado ao leste do Jordão, que se estende aproximadamente entre o *wadi* Jarmuc, ao norte, e o *wadi* Arnon, ao sul, e dividido no meio pelo *wadi* Jaboc.⁸

De fato, Gilead aparece predominantemente como região nas tradições bíblicas. Em 1Rs 4,19 a Bíblia hebraica emprega o termo Gilead, enquanto que a Septuaginta usa o termo Gad. Na verdade, é muito comum encontrar na Bíblia hebraica a referência a Gilead como designação geográfica, enquanto que Gad nunca aparece como região. Além disso, como é comum na Bíblia denominar aos habitantes com o nome da região ou montanha onde habitam, é natural entender Gad como sendo uma abreviação de Gilead. Esta também parece ser a tendência dos comentários recentes.

3. O TERRITÓRIO DE GAD

Assim como a localização de todas as tribos de Israel, a localização exata do território da tribo de Gad não é muito clara. Conforme Js 13,8-31, a metade da tribo de Manassés, a tribo de Rubem e a tribo de Gad receberam o território da Transjordânia. No entanto, a delimitação dos territórios é confusa. Js 13,24-28 situa Gad entre o Jaboc e o mar Morto. Parte deste território, conforme Nm 32,37-38, pertence a Rubem. Nm 32, 34s. coloca Gad entre o Arnon e o *wadi* Zerca Main, o que parece corresponder com a inscrição da estela de Mesa.

Apesar da dificuldade em situar o território de Gad com precisão, é sabido a grande importância que a região de Gilead

raiz (*gdd*). O verbo *atacar* (*gdd*)² só é empregado três vezes no Primeiro Testamento, duas vezes aqui e uma vez em Hab 3,16. Este jogo de palavras dificulta um pouco a tradução exata. Somos simpáticos à tradução da Bíblia de Jerusalém: *Gad, guerrilheiros o guerrilharão e ele guerreia e os fustiga*. Tradução semelhante apresenta Soggin: *Gad, saqueadores o saquearão e ele saqueará seus calcanhares*.³

A última palavra do v.19 – *calcanhar* – deveria estar no plural. Porém, praticamente, existe um consenso entre os estudiosos⁴ que a letra hebraica *m* final, do início do v. 20, pertence ao final do v.19, o que resulta no substantivo plural *calcanhares*. Certamente, este translado deve-se a um cochi-lo do copista.

O quadro que o versículo em questão apresenta é muito geral e difícil de situá-lo com precisão em algum contexto histórico. Assim, também, sua relação com o anúncio do pai Jacó (49,1-2). Pouco significa dizer que o filho será atacado por um bando e que se defenderá dele. É um *dito* muito breve, assim como são os de Aser e Neftali (Gn 49,20-21).⁵ Aqui estamos próximos do que se poderia chamar de um autêntico *dito tribal*. No seu modo de agir, Gad se parece muito com Dã (49 16-17).

Nas passagens paralelas, Dt 33 e Jz 5, encontramos um Gad totalmente distinto. Dt 33, 20-21 apresenta um Gad à altura das grandes tribos de Judá e José/Efraim. Em vez de alguém que ataca os calcanhares de seus agressores, Gad é comparado a um leão que despedaça o inimigo e que ocupa o posto de chefe. É difícil aceitar que se trate do mesmo Gad de Gn 49,19.⁶ Em Jz 5,17, Gad está ausente. Em seu lugar está Gilead, que não atende a convocação da líder Débora. Esta ausência de Gad e presença de Gilead em Jz 5,17 resultaram num grande debate: representam os dois o mesmo personagem?

2. GAD E GILEAD

As opiniões sobre a identidade de Gad/Gilead estão divididas. Conforme Noth, tem-se que distinguir entre Gad e Gilead. Para ele, Gilead veio da Cisjordânia e Gad viveu desde sempre na Transjordânia. Gilead seria um desmembramento da poderosa tribo de Efraim que, pela dificuldade em se es-

² A tradução de Schöckel, *assaltar em bando*, nos parece a mais apropriada. Assim, também, a Septuaginta, que usa o verbo *peirateuo* (ser pirata, saquear como piratas). Esta tradução difere de Gn 30,11, onde *gdd* parece significar *sorte*: (Gn 30,9-11). Cf. L. A. SCHÖKEL, *Discionario Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997 (GAD).

³ Cf. J. A. SOGGIN, *Das Buch Genesis*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998, p. 536.

⁴ Cf. A. DILLMANN, *Die Genesis*, Leipzig: S. Hirzel, 1882, p. 447; H. GUNKEL, *Genesis*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1901, p. 484; J. SKINNER, *Genesis*. Edinburgh: T.&T. Clark, 1910, p. 528; E. A. SPEISER, *Genesis*. Garden City: Doubleday, 1964, p. 36.

⁵ Para Westermann, esta brevidade mostra a diferença entre as tribos. Cf. C. WESTERMANN, *Genesis*, op. cit., p. 268,

⁶ Cf. E. NIELSEN, *Deuteronomium, HANDBUCH ZUM ALTEN TESTAMENT*, 1995 (6), p. 306.

tem na história do povo de Israel, tanto pelas suas tradições culturais, quanto por sua importância política e econômica. Gilead sempre foi palco de disputas políticas. Em Gn 31,21-25 Jacó foge com suas mulheres e filhos para a montanha de Gilead, sendo alcançado ali por seu sogro Labão. É também sobre a montanha de Gilead onde sogro e genro fazem o pacto no qual a própria montanha serve de marco limítrofe entre os territórios dos dois clãs (Gn 31,43-54).⁹ É também perto desta região, às margens do rio Jaboc, onde acontece a luta de Jacó com Deus e a mudança do seu nome para Israel (Gn 32,23-33). Em 1Sm 11, Saul defende Jabes de Gilead contra a dominação amonita e é proclamado rei por aquele povo. São também os habitantes de Jabes de Gilead que resgatam o corpo de Saul das mãos dos filisteus e lhe dão sepultura em Gilead (1Sm 31,11-13). Em 2Sm 17,22, Davi foge de Absalão e se refugia em Gilead e ali organiza a resistência (cf. 1Sm 22,3-5). 1Rs 17,1 afirma que Elias, um dos maiores profetas de Israel, era gileadita. Em 2Rs 9,1-13, Jeú é ungido rei por um discípulo do profeta Eliseu em Ramot de Gilead. Na divisão do Reino (1Rs 12), Gilead ficou pertencendo ao Reino do Norte, que a perdeu, em tempos do rei Jeú (841-814), na luta contra Jazael (2Rs 10,32-33; cf. Am 1,3-5). Posteriormente, parece que Israel recuperou novamente o território, pois, conforme 2Rs 15,29, este lhe foi tomado por Teglathalassar e agregado à província assíria. Com a tomada de Jerusalém, em 587 a. C., Gilead se converteu em posse amonita e de seu deus Melcom. Depois do exílio, Gad é enumerado por Ez 48,27-28 entre as doze tribos. Em Jr 50,19; Ml 7,14 e Zc 10,10 Gilead é caracterizada como parte da restauração messiânica de Israel, assim como em Ap 7,5.¹⁰

Em Nm 32,1-34 vemos Gad e Rubem reivindicando para si as terras ao leste do Jordão. Em consequência, estas tribos sempre foram caracterizadas como grandes criadoras de gado. Em Ct 4,1;6,5 o cabelo da Sulamita é comparado a um rebanho ondulado descendo pelas colinas de Gilead. Jair, filho de Manassés, filho de Maquir, juiz e rico proprietário, era dono de várias aldeias em Gilead (Nm 32,41; 1Cr 2,21-23). Além do gado, Gilead era famosa pela rota comercial que cortava a região. Gn 37,25 fala de uma caravana de ismaelitas que vinha de Gilead e ia para o Egito, com seus camelos carregados de especiarias. Jr 8,22 e 46,11 também fala do bálsamo de Gilead, importante para curas. A etimologia do nome Maquir, filho de Manassés (Gn 50,23; Nm 32,39-40) e pai de Gilead (Nm 26,29; 36,1; 1Cr 2,21-13; 7,14-17) está ligada ao verbo *vender* (*mcr*).

⁹ Certamente, esta elaboração literária tem como pano de fundo a disputa do território com os arameus e a tentativa de justificar a pertença da região de Gilead a Israel.

¹⁰ Gad aparece algumas vezes, também, como nome de uma divindade: Js 11,17 fala de um deus, *Baal-Gad*, e Js 15,37 de uma cidade, Migdal-Gad. Em Is 65,11 o profeta critica o seu povo por abandonar a JHVH e pôr uma mesa a Gad, uma divindade araméia da fortuna. Em um escrito de Palmira Gad aparece como um deus da sorte que era adorado em Auran. Cf. U. WORSCHKECH, Gad. In GÖRG, M. et alii (Eds.), *Neues Bibel Lexikon*, 1991, vol. I, p. 722.

Em síntese, por seu valor econômico, propícia ao gado, pela rota comercial que atravessava a região, Gilead era uma terra politicamente muito cobiçada (Jr 22,6). Nisso parece consistir a grandeza de Gad entoada por Dt 33,20-21:

E para Gad ele disse: bendito aquele que amplia o domínio para Gad. Como leão ele vive, e desgarra braço e cabeça. Ele escolheu a primícia para si, pois a porção de chefe lhe estava reservada e ele veio a ser cabeça do povo, executou a justiça de JHVH e os juízos com Israel.

¹¹ Inclusive, no curioso relato de Jz 12,1-7 consta que Jefté, o gileadita, sai vitorioso na guerra contra os homens de Efraim.

¹² Para Von Rad (*Das erste Buch Mose*, op. cit., p. 351) o bando que ataca a os gaditas são hordas de beduínos. Similar, também é o pensamento de outros estudiosos. Cf. H. GUNKEL, *Genesis*, op. cit., p. 484; R. DE VAUX, *Histoire ancienne d'Israel: des origines e l'installation en Canaan*. Paris: Gabalda, 1971, vol. 1, p. 535. Já para C. Westermann (*Genesis*, op. cit., p. 268), os atacantes são os vizinhos do sul e do oeste e H. Donner, (*História de Israel e dos povos vizinhos*, S. Leopoldo/Petrópolis: Sinodal:Vozes, 1997, vol. 1, p.167) os inimigos de Gad, provavelmente, são os moabitas.

¹³ A estela tem 1,10 m. de altura por 0,60 de largura.

Aqui Gad é tremendamente valorizado, à altura de Judá e José/Efraim. Textos como Dt 33,20-21 revelam que em um determinado momento histórico, a região de Gilead era mais importante que Efraim e Judá.¹¹ De maneira que, esses textos revelam a importância da região de Gilead, o que não se aplica necessariamente à tribo de Gad. Esta se identifica, bem mais, com o que mostra Gn 49,19 e a estela de Mesa.

4. A LUTA DE GAD

Voltando a Gn 49,19, aqui encontramos um Gad fraco e sem prerrogativas de chefe que vemos em Dt 33,20-21. Um Gad que, com muita dificuldade, se defender de bandos saqueadores. Quem seriam esses bandos? Talvez nômades do deserto, beduínos, amonitas, moabitas, arameus etc.¹² É possível, também, que sejam unidades militares, ao que o termo *gedur* (bando) muitas vezes designa, como os amalecitas (cf. 1Sm 30,8.15.23) ou uma unidade real (cf. Jó 29,25).

Portanto, a situação em que se encontra Gad, parece nada animadora: por um lado, dominado pelos israelitas; por outro, cobiçado por moabitas; e por último, hostilizado por bandoleiros. Aos últimos Gad ainda pode fazer frente, aos outros não. Os dois grupos, israelitas e moabitas, estes mais interessados no território do que nos saques, estão registrados na famosa estela de Mesa, que queremos abordar a seguir.

5. A ESTELA DE MESA

Encontrada por um missionário alemão, em Dibon, em 1868, a estela de Mesa, quebrada por interesse comercial, foi reconstruída e conduzida ao museu do Louvre.¹³ Gres-

semann¹⁴ situa a inscrição da estela por volta do ano 840 a. C., enquanto que Pritchard¹⁵ prefere uma data um pouco mais recente, por volta do ano 830 a. C. A inscrição narra as vitórias do rei Mesa de Moab sobre o filho de Omri¹⁶ que havia oprimido os moabitas por muito tempo. Vejamos parte da inscrição que mais nos interessa.¹⁷

¹Eu sou Mesa, filho de Camos [...], rei de Moab, ²o dibonita. Meu pai era rei sobre Moab trinta anos, e eu era rei ³depois de meu pai. Eu construí este lugar alto para Camos em Qeriho [...], ⁴porque ele me salvou de todos os assaltos e me fez triunfar sobre meus inimigos. ⁵Omri era rei sobre Israel e humilhou Moab por muitos dias, pois Camos estava encolerizado com sua terra. ⁶Seu filho o sucedeu, e também ele disse: 'Eu humilharei Moab'. Em meus dias ele falou [...], ⁷mas eu triunfei sobre sua casa. Israel pereceu para sempre. Omri se havia apoderado da terra ⁸de Medeba, e a habitou em seus dias e metade dos dias de seus filhos, quarenta anos. Mas em meus dias, ⁹Camos a habitou. E eu construí Baal-Meon e fiz depósitos de água nela, e construí ¹⁰Qiriaton. Os habitantes [o homem] de Gad¹⁸ habitaram a terra de Atarot desde sempre, e o rei de ¹¹Israel tinha construído Atarot para si. Eu combati a cidade, eu a tomei e eu matei todo o povo ¹²da cidade como oferenda a Camos e Moab. Eu trouxe de lá o altar de seu Dodh¹⁹ e ¹³o arrastei diante de Camos em Qeriot. E eu fiz habitar ali homens de Saron e homens ¹⁴de Maharot. E Camos me disse: 'Vai, e toma Nebo de Israel!' ¹⁵Eu fui de noite e lutei contra ela desde o amanhecer até à tarde. ¹⁶Tomei-a e matei tudo, sete mil homens, meninos, mulheres, meninas ¹⁷e concubinas, porque eu os havia condenado ao anátema para Astar-Camos. E eu tomei de lá os [...]²⁰ de JHVH e os arrastei diante de Camos.

A inscrição segue relatando as conquistas das cidades de Baal-Meon (Js 13,17) de Medeba (Nm 21,30), Atarot (Nm 32,3.24), Dibon (Nm 21,29), Aroer (Js 13,16), Bet-Bamot (Js 13,17) etc.

O relato é composto por 24 linhas. Particularmente interessantes são as linhas 10-13, onde o rei Mesa relata a con-

¹⁴ Cf. H. GRESSMANN, *Altorientalische Texte zum Alten Testament*. Berlin/Leipzig: De Guyter, 1926/1965, pp. 440-442.

¹⁵ Cf. J. B. PRITCHARD, *Ancient Near Eastern Texts*. Princeton: Princeton University Press, 1950, p.320.

¹⁶ Talvez Acab, porém, é mais seguro que se trate de Jorão (852-841).

¹⁷ A tradução ao português foi feita a partir da tradução de H. GRESSMANN, *Altorientalische Texte zum Alten Testament*, op. cit., pp.440-441 e de J. B. PRITCHARD, *Ancient Near Eastern Texts*, op. cit., p. 320.

¹⁸ O sublinhado é nosso.

¹⁹ A expressão *dodh* é duvidosa. O mais provável é que signifique *amado*. Gressmann acredita tratar-se de um nome divino. Cf. H. GRESSMANN (*Altorientalische Texte zum Alien Testament*, op. cit., p. 441)

²⁰ Vasos (?).

²¹ Este é um assunto que merecia ser aprofundado: o culto a JHVH, como Deus nacional, na conquista de outros povos.

quista de Atarot, terra de Gad, que era dominada por Israel. Percebe-se, pois claramente três grupos: Israel, em cujo poder se encontravam os habitantes de Gad; Moab, que conquistou a cidade; e Gad *que habitou a terra desde sempre*. Este último não passa de mero objeto de conquista dos dois reis. Particularmente surpreendente é o papel que as duas divindades, JHVH e Camos, jogam na conquista dos habitantes de Gad.²¹

Um texto paralelo, e que serve de grande referência para a localização da estela, e vice-versa, é 2Rs 3, particularmente os vv. 4 e 5: *Mesa, rei de Moab, era criador de gado e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros e lã de cem mil cordeiros. Mas quando Acab morreu, o rei de Moab se rebelou contra o rei de Israel.*

Enfim, cremos que podemos situar Gn 49,19 neste contexto descrito pela estela de Mesa. Gad vive em uma contínua situação de opressão: dominado por Israel, conquistado por Moab e hostilizado por bandos saqueadores. Neste particular, Gad se assemelha a Dã (Gn 49,16-17). Só que um está no extremo oeste e o outro no extremo leste do território de Israel.

Esta semelhança encontramos também em Jz 5,17, onde ambas as tribos não atendem ao chamado de Débora, um permanece no além Jordão e o outro fica a ver navios. Assim como Dã é vítima da Fenícia e de Judá, Gad é vítima de Israel e Moab.

Assim, como os pequenos ditos de Gn 49, 13-21.27, cremos que podemos situar o dito de Gad no período que corresponde entre os reinados de Omri e Jorão (885-841 a. C.) ou talvez até Jeú (841-813 a. C.). A estela de Mesa é uma importante fonte extra-bíblica que nos ajuda a conhecer a situação em que vivia a tribo de Gad: de um lado Israel, que exercia o poder na região, e por outro, o rei de Moab, também em busca de conquistas. No meio destes dois poderes se encontra a tribo de Gad, lutando por sua sobrevivência.

Em uma situação semelhante à de Gad se encontrava a maioria das pequenas tribos do interior de Canaã e arredores mencionadas em Gn 49, Zabulon, Issacar, Dã, Aser e Neftali,²² continuamente espoliadas pelo poder de turno: ora pelo Egito, ora pelas grandes tribos como Efraim e Judá, ou algum monarca local, e ora pelos fenícios.

²² Mais detalhes, cf. J. A. KAEFER, *Um pueblo libre y sin reyes*, op. cit., pp.126-220.

Portanto, a idéia de uma grande união e organização das 12 tribos de Israel em torno de um único santuário, formulada por Noth e outros, nunca existiu. O esboço desse projeto delineado na literatura bíblica não passa de um sonho dos teocratas do Segundo Templo. A própria distância entre as diversas tribos, que eram mais de 12, além de suas diferenças culturais, não tornaria isso viável. Além disso, os poderes locais tinham outros interesses. O que sim, possivelmente existiu, foi a experiência de umas poucas tribos que frequentavam um mesmo santuário, como por exemplo, Zabulon, Issacar e Neftali que viviam junto ao santuário do Monte Tabor (cf. Jz 5).

O que resta, então, do *projeto tribal*, esta proposta tão encantadora, que manteve acesa a utopia dos pequenos na luta por um mundo mais igualitário e justo? O que resta desta proposta, cujos rastros perpassam toda a literatura do Primeiro e Segundo Testamento, denunciando os poderes centralizadores das monarquias de ontem e de hoje? Resta a aldeia comunitária, não mais na magnitude que se imaginava antes, mas com a mesma proposta e que, pela partilha e vivência cotidiana, sobrevive no interior de Canaã, apesar das cidades-estado, das monarquias e dos templos, até onde a história de Israel alcança. Esta experiência de vida, junto ao seu Deus, destas pequenas e frágeis aldeias do interior continua sendo, hoje, referência objetiva para o estudo bíblico e ação pastoral libertadora identificados com os pobres. Uma referência, agora, muito mais próxima da nossa realidade.